

.longe de casa

Chapecó é o endereço de 2.500 haitianos

Presidente da associação de haitianos em Chapecó fala da rotina e da expectativa dos imigrantes com o Brasil

► Chapecó

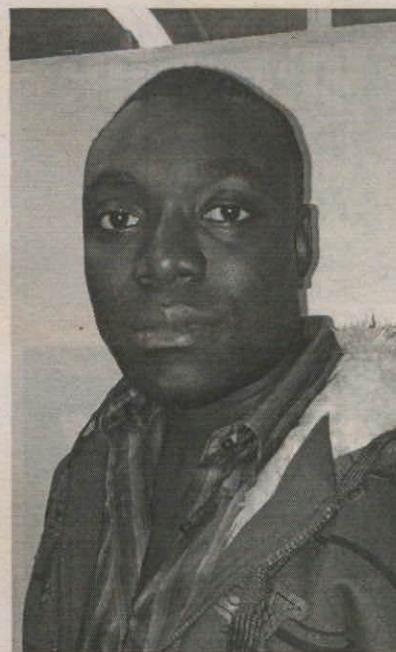
Desde que iniciou o processo de transferência de haitianos para o Brasil há cinco anos, Chapecó tem sido o destino de parte considerável destes imigrantes. De um lado um país de limitadas opções de emprego para sua gente e que fora arrasado pelo terremoto. De outro, um país em expansão econômica e que precisava de mão-de-obra e queria ser referência de hospitalidade.

“A promessa que chegava para a gente do Haiti é que no Brasil se ganharia bem. Daí, principalmente os jovens, partiram para o Panamá, depois para o Equador para chegar ao Brasil. Deixamos nossas famílias para trás porque no Haiti não se tem muitas opções de trabalho, mas aqui não temos exatamente o que esperávamos. Para se ter uma ideia, um carro que aqui custa R\$ 100 mil lá dá para comprar por R\$ 38 mil. Eu, assim como a maioria dos meus colegas, partiria agora de volta para o Haiti se tivéssemos condições de bancar a passagem. Não vejo meus

familiares há seis anos”, explica Jean Monfiston, presidente da Associação de Haitianos em Chapecó.

A entidade foi criada principalmente para dar suporte cultural aos imigrantes que estão em Chapecó. As diferenças de idioma, clima e hábitos culturais são os principais desafios. Uma das alternativas é um campeonato de futebol entre times de Chapecó, Nova Erechim e Águas de Chapecó, onde há grupos de imigrantes. A maioria do grupo são homens com idade entre 19 e 35 anos e 70% deles têm o ensino médio completo. Alguns, com formação superior – em alguns casos incompleta – ocupam cargos de destaque dentro das agroindústrias onde a maioria está empregada. Jean é tradutor, mas também tem experiência em engenharia civil, cinegrafia e dança.

Além de custear as despesas pessoais, o salário recebido também tem destino à América Central. A locomoção de casa para o trabalho na maioria dos casos é feita a pé ou de transporte



MONFISTON “Esperávamos mais”

coletivo. Na maioria dos casos o aluguel e a alimentação destes imigrantes aqui no Brasil são divididos em grupos que moram juntos como forma de baratear os custos. O restante é enviado às famílias que ficaram no Haiti e tentam se recuperar depois do terremoto de 2010.

Desafios, preconceitos e sonhos

Além da situação financeira vivida pela maioria, Jean cita casos – mesmo que isolados – de preconceito. “Já vivi situações constrangedoras de pessoas que dizem que ‘estes negros’ vieram para o Brasil para tirar vagas de trabalho dos brasileiros. Isso não é verdade. É só uma demonstração de falta de educação de gente pequena”, desabafa.

Depois do trabalho, as lan houses são o principal destino dos haitianos. É uma forma que eles encontram para manterem-se pró-

ximos dos familiares há seis mil quilômetros de Chapecó. De fala reservada e evitando exposição até mesmo em fotografias eles se limitam a cumprimentar brasileiros que os olharem nos olhos.

A mesma situação que os haitianos vivem em Chapecó também é vivida pelos 200 se-negaleses que moram na cidade. Todos têm em comum a vontade de reconstruir a vida. Há denúncias no Ministério Público de más condições de trabalho.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) criou um programa que permite o ingresso de haitianos nos cursos de graduação. Depois de uma seleção específica, eles podem ocupar as vagas não ocupadas por brasileiros.

Assim como no século passado quando a região Oeste recebeu imigrantes europeus, a tendência é que estrangeiros aos poucos conquistem seus espaços. Até agora não tem sido fácil.